



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 15/07/2022 a 21/07/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
15/07/2022	14,66	431,00	60,08	7,76	6,04
18/07/2022	14,97	434,50	63,20	8,12	6,12
19/07/2022	14,77	435,00	61,89	8,12	5,96
20/07/2022	14,49	436,50	60,03	8,19	5,92
21/07/2022	14,18	434,40	58,60	8,06	5,75
Média	14,61	434,28	60,76	8,05	5,96

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	172,00	
RS – Não Me Toque	172,00	
RS – Londrina	169,00	
PR – Cascavel	167,50	
MT – C.N.Parecis	158,00	
MS – Maracaju	170,00	
GO - Rio Verde	157,00	
BA – L.E.Magalhães	161,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	84,00	CIF
Porto de Paranaguá	83,50	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	80,00	
SC – Rio do Sul	82,00	
PR – Cascavel	70,00	
PR – Londrina	70,00	
MT – C.N.Parecis	62,00	
MS – Maracaju	69,00	
SP – Itapetininga	79,00	
SP – Campinas	81,00	CIF
GO – Rio Verde	66,00	
GO – Jataí	S/C	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	112,00	
RS – Não Me Toque	112,00	
PR – Londrina	110,00	
PR – Cascavel	112,00	

Período: 20/07/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 21/07/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	81,26	178,08	113,15

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
21/07/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	73,97
Feijão (saco 60 Kg)	228,89
Sorgo (saco 60 Kg)	65,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,43
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,60**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,11

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Junho/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, voltaram a despencar nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (21) em US\$ 14,18/bushel, contra US\$ 14,71 uma semana antes (considerando agosto como o primeiro mês cotado). O valor deste dia 21/07 é o menor desde o dia 25 de janeiro, para o primeiro mês cotado.

E isso, mesmo com o USDA reduzindo para 61% o índice de lavouras estadunidenses, de soja, entre boas a excelentes, até o dia 17/07, contra 62% na semana anterior, sendo que outros 29% permaneciam regulares e 10% entre ruins a muito ruins. Na safra anterior, nesta data, havia 60% de lavouras entre boas a excelentes. Por sua vez, 48% das lavouras estavam em fase de florescimento naquela data, naquele país, contra 55% na média histórica.

Por outro lado, em termos de exportação, a demanda continua muito fraca, com a soja caindo muito em relação ao normal para esta época. Assim, na semana encerrada em 14/07, os EUA venderam 203.500 toneladas relativas a safra 2021/22. Com isso, o total exportado no atual ano comercial atingiu a 59,6 milhões de toneladas, superando de pouco os 59,1 milhões que o USDA esperava para todo o ano comercial. Para a safra 2022/23 foram vendidas 254.700 toneladas. Como se nota, os volumes foram bastante baixos.

Paralelamente, a Associação Nacional das Processadoras de Oleaginosas, dos EUA, informou que o esmagamento de soja naquele país, em junho, atingiu 4,48 milhões de toneladas, contra 4,66 milhões em maio. Todavia, o volume de junho foi 8% superior ao volume registrado em junho do ano passado, sendo o segundo melhor volume da história para o mês de junho.

Enquanto isso, na China, a demanda continua mais fraca, com o país asiático tendo importado 46,29 milhões de toneladas de soja no primeiro semestre do corrente ano. Este volume representa um recuo de 5,5% sobre igual período do ano anterior. Mas o mercado espera que os chineses recuperem esse atraso no segundo semestre, porém, não há garantias para isso, pois ninguém sabe como os chineses irão se organizar diante da continuidade de margens de esmagamento ainda negativas. Além disso, os lockdowns continuam no país, diante de novos avanços da Covid-19.

Nesse contexto, o Brasil vem perdendo espaço de mercado. O recuo das cotações da soja, em Chicago, tornaram o produto estadunidense mais competitivo do que o brasileiro no momento. Isso está fazendo com que os prêmios nos portos brasileiros comecem a recuar, enquanto as exportações de soja norte-americana crescem na direção da China. Em junho, a China importou 7,24 milhões de toneladas de soja do Brasil, contra 10,48 milhões um ano antes. Enquanto isso, os embarques de soja dos Estados Unidos chegaram a 773.114 toneladas em junho, ante 54.806 toneladas no mesmo mês do ano passado. Todavia, enquanto suas importações totais de soja recuaram 23% na comparação mensal, em junho, no acumulado do primeiro semestre, a China trouxe 27,71 milhões de toneladas de soja brasileira, ante 26,13 milhões de toneladas no mesmo período de 2021. Já as importações dos Estados Unidos somaram 17,54 milhões de toneladas de janeiro a junho, contra 21,57 milhões de toneladas no ano anterior.

Enquanto isso, no Brasil, os preços se mantiveram relativamente estáveis, com o câmbio sustentando os mesmos, já que Chicago e os prêmios recuaram. Assim, a média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 178,08/saco, enquanto as principais praças do Estado trabalharam com R\$ 172,00. Já nas demais regiões brasileiras o preço da soja oscilou entre R\$ 157,00 e R\$ 170,00/saco.

Dito isso, espera-se um aumento de 2,6% na área a ser semeada com soja na nova safra nacional, o que elevaria a mesma para 42,9 milhões de hectares. Espera-se uma produtividade média, em clima normal, de 3.550 quilos/hectare, o que levaria a produção total para um recorde de 151 milhões de toneladas, ou seja, 20,3% superior à frustrada colheita da última safra. (cf. Safras & Mercado)

Por outro lado, diante do recuo nos preços da oleaginosa, a comercialização nacional do produto travou. Em relação à colheita 2021/22 cerca de 75% da soja já teria sido comercializada. Já em relação a safra futura os negócios estão mais lentos, com cerca de 20% apenas negociado antecipadamente, contra a média de 30% a 35% nos anos anteriores.

Enfim, os vendedores brasileiros possuem ainda muita soja disponível, diante da fraca demanda externa e mesmo com a frustração relativa da última safra. O volume disponível estaria ao redor de 39 milhões de toneladas, diante de uma demanda interna que ainda deverá, para o resto do ano, ser de 15 a 17 milhões de toneladas. Diante disso, mesmo com um câmbio se aproximando dos R\$ 5,50 por dólar, o forte recuo em Chicago está limitando os ganhos dos produtores brasileiros. Agora, é esperar as próximas semanas e o comportamento climático sobre as regiões produtoras dos EUA. Entretanto, por enquanto está claro que as cotações em Chicago entraram em um patamar bem mais baixo do que estavam em boa parte do primeiro semestre do corrente ano.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente despencaram nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (21) ficou em apenas US\$ 5,75/bushel, valor mais baixo desde o dia 1º de dezembro do ano passado. Uma semana antes o fechamento havia sido de US\$ 6,95. Lembrando que ainda no final de abril a cotação do bushel do cereal chegou a bater em US\$ 8,18.

Dito isso, as lavouras estadunidenses, no dia 17/07, apresentavam-se com 64% entre boas a excelentes, contra 65% na safra anterior nesta época. Outros 25% estavam em condições regulares e 11% entre ruins a muito ruins. Além disso, 37% das lavouras estavam em fase de embonecamento.

Em termos de mercado exportador, os EUA, na semana encerrada em 14/07, embarcaram apenas 33.900 toneladas da safra velha, tendo vendido um total de 60,4 milhões de toneladas, até o momento, no ano comercial 2021/22, contra uma estimativa total a ser vendida de 62,2 milhões. Em relação a nova safra, as vendas atingiram a 570.200 toneladas, ficando acima das expectativas do mercado.

Por sua vez, na Argentina, conforme a Bolsa de Buenos Aires, 68% das lavouras estavam colhidas até o início da presente semana, com a produção final devendo ficar em 49 milhões de toneladas, contra 51 milhões que era a estimativa inicial. Das lavouras que faltavam ser colhidas, 15% apenas estavam entre boas a excelentes, 58% estavam regulares e 27% ruins. Já o Ministério da Agricultura argentino afirma que a colheita teria chegado a 85% da área e que a produção total do cereal, no vizinho país, será de 58 milhões de toneladas, contra as 60,5 milhões colhidas no ano anterior. Nota-se, portanto, uma diferença de 9 milhões de toneladas entre o que afirma a Bolsa de Buenos Aires e o que estima o Ministério da Agricultura. Lembrando que o USDA, em seu relatório do dia 12/07, avança um volume total, a ser colhido na Argentina, de 55 milhões de toneladas para 2022/23, contra 53 milhões um ano antes.

E no Brasil, os preços do cereal continuaram recuando nesta semana. A média gaúcha, no balcão, ficou em R\$ 81,26/saco, enquanto as principais praças locais negociaram o produto a R\$ 80,00. Já nas demais praças nacionais o milho oscilou entre R\$ 62,00 e R\$ 82,00/saco. Enquanto isso, na B3 o contrato setembro fechou o dia 21/07 em R\$ 83,66/saco, enquanto novembro ficou em R\$ 86,19; janeiro em R\$ 88,78; e março/23 em R\$ 89,59/saco.

Na prática, o mercado brasileiro de milho continua em recuo, pressionado pela colheita da safrinha, mesmo havendo algumas quebras pontuais importantes.

Este contexto, está levando as primeiras projeções de plantio da nova safra de verão para um recuo de 4,3% na área do Centro-Sul brasileiro. Com isso, para 2022/23, a safra de verão deverá ser semeada em 4,2 milhões de hectares. Se o clima colaborar, a produtividade média sobe para 5.872 quilos/hectare na região, fato que permitiria uma produção total de 24,6 milhões de toneladas, contra as 21,9 milhões da frustrada safra anterior. Já para a safrinha 2023, espera-se uma área igual a deste ano, ou seja, 14,7 milhões de hectares, com produtividade média de 5.837 quilos/hectare, em clima normal. Com isso a produção total da safrinha do próximo ano poderá ser recorde, superando a deste ano. Mas, por enquanto, ainda é muito cedo para se avançar um volume. Já nas regiões Norte e Nordeste a expectativa é de que sejam cultivados 2,3 milhões de hectares com o cereal, ou seja, um recuo de 2,6%. Mesmo assim, espera-se um potencial de produtividade que pode chegar a 5.600 quilos por hectare. Com isso, a produção final, nas duas regiões somadas, chegaria a 12,9 milhões de toneladas, ficando abaixo do volume colhido neste ano, que é de 13,2 milhões de toneladas. Neste contexto, a área total de milho no Brasil, em 2022/23, chegaria a 21,2 milhões de hectares, com recuo de 1,2% sobre o ano anterior. Entretanto, o rendimento médio melhoraria para 5.818 quilos/hectare, desde que o clima ajude, fato que levaria a produção final total para algo em torno de 123,5 milhões de toneladas, contra 117,2 milhões estimadas para o atual ano comercial. (cf. Safras & Mercado)

Em relação a colheita da segunda safra, o Centro-Sul brasileiro, até o dia 14/07, chegava a 53% da área, contra 30% em relação ao mesmo período do ano passado. (cf. AgRural) Especificamente no Mato Grosso, a colheita da safrinha chegava a 85,5% no início da presente semana, enquanto no Paraná a mesma atingia a 30%, com algumas regiões registrando forte queda na produtividade média, e no Mato Grosso do Sul a colheita atingia a 12,5%. (cf. Imea, Deral e Famasul)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, subiram um pouco durante a semana, porém, sem grandes movimentos. O fechamento desta quinta-feira (21) ficou em US\$ 8,06/bushel, contra US\$ 7,94 uma semana antes.

Nos EUA, a colheita do trigo de inverno atingia a 70% da área total, no dia 17/07, contra 71% na média histórica. Já as condições das lavouras do trigo de primavera apresentavam-se com 71% entre boas a excelentes, 23% regulares e 6% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, as vendas líquidas de trigo, por parte dos EUA, na semana encerrada em 14/07, para o ano 2022/23, atingiram a 511.100 toneladas, ficando 50% abaixo do registrado na semana anterior e 10% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Mesmo assim, o volume ficou dentro do esperado pelo mercado. Com isso, em todo o atual ano comercial os EUA já venderam 1,86 milhão de toneladas de trigo, contra 2,38 milhões no mesmo período do ano anterior. Os EUA esperam exportar um total de 21,8 milhões de toneladas do cereal no ano 2022/23.

Enquanto isso, na França, a safra de trigo macio deverá ficar em 33,2 milhões de toneladas, segundo analistas privados. Esse volume é um pouco superior ao que o Ministério da Agricultura francês estima, que é de 32,9 milhões de toneladas, volume este que seria 7,2% menor do que as 35,4 milhões colhidas em 2021.

Enquanto isso, na Argentina, o plantio de trigo atingia, no início da presente semana, 97% da área, a qual deverá ficar entre 5,9 e 6,1 milhões de hectares. A produção argentina de trigo, nesta nova safra, será menor, devendo ficar entre 17 e 19 milhões de toneladas.

Já no Brasil, os preços recuaram de forma mais consistente, pela primeira vez nas últimas semanas. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 113,15/saco, enquanto no Paraná os valores oscilaram entre R\$ 110,00 e R\$ 112,00/saco.

Dito isso, as primeiras projeções privadas para a nova safra de trigo brasileira, mais consistentes, chegam a um recorde de 10,4 milhões de toneladas em 2022, com um aumento de 34,5% sobre o ano passado. A área total semeada deve atingir a 3,18 milhões de hectares, com um aumento de 16,6% sobre o ano passado. Esta seria a maior área de trigo no Brasil desde 1990 (último ano em que o mercado era regulamentado pelo governo). Evidentemente, para se chegar a tais números de produção, o clima deverá ser excelente em todas as regiões produtoras, fato que já não está sendo o caso, particularmente em boa parte do Rio Grande do Sul. Em termos de produção por Estado, o Paraná deverá semear 1,15 milhão de hectares, com recuo de 5% sobre o ano anterior. Já no Rio Grande do Sul a área deverá atingir a 1,52 milhão de hectares, com um avanço de 32% sobre 2021, se estabelecendo na maior área de trigo desde 1979. Por outro lado, nos demais seis Estados produtores e o Distrito Federal, a área deverá atingir a 510.000 hectares, o que significa um crescimento de 38,6% sobre o ano anterior. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, no Paraná, 95% das lavouras, até o início da presente semana, estavam em boas condições e 5% em situação regular. (cf. Deral) No Rio Grande do Sul, o plantio atinge a 90% da área esperada, contra 95% na média histórica para esta data. A totalidade está em fase de germinação e/ou desenvolvimento vegetativo. (cf. Emater)